



UM ESCRITOR PROFISSIONAL

Vivendo integralmente da literatura pelos últimos dois anos, Cristóvão Tezza considera-se um "caixeiro-lítero-viajante"

POR MELINA POCKRANDT Fotos: Melissa Andreata

Há dois anos, o escritor catarinense de nascença e curitibano de coração, Cristóvão Tezza, viu sua vida mudar após o sucesso do livro *O Filho Eterno*. A obra, que foi extremamente bem recebida pela crítica e atingiu a marca de 50 mil exemplares vendidos, abriu para Tezza as portas do mundo editorial internacional e permitiu que o escritor abandonasse a carreira como professor universitário e se dedicasse integralmente à literatura, como sempre foi seu sonho.

Depois de ter sido contemplado com os principais prêmios da literatura em língua portuguesa entre 2007 e 2009, *O Filho Eterno* foi traduzido e levou Tezza à França, Itália, Espanha, Austrália, Holanda e Nova Zelândia. Desde o sucesso do romance, o escritor lançou as obras *Um Erro Emocional*, *Beatriz* e *O Espírito da Prosa*. Este último, que está chegando ao mercado, ele considera uma "autobiografia literária", pois traz um pouco da sua história como escritor. O seu primeiro romance lançado foi o *Gran Circo das Américas*, em 1979, e desde então o autor foi responsável por mais de 20 obras, entre livros de ficção, não ficção e peças de teatro.

Em entrevista à *ler&Cia*, Cristóvão Tezza fala sobre carreira, sucesso e paternidade. >>>



ler&Cia - Como começou o seu envolvimento com a literatura?

Cristóvão Tezza - Foi um conjunto misterioso de circunstâncias: a morte do meu pai, a mudança para Curitiba ainda criança, algum sentimento de solidão, a proximidade dos livros, duas boas bibliotecas (a Pública e a do Colégio Estadual do Paraná) e de repente comecei a escrever minhas coisas.

Você sempre quis ser escritor?

Sim, desde adolescente quis ser escritor, ainda que procurasse outras ocupações para sobreviver. Fiz um pouco de tudo na juventude e fui professor durante 25 anos. Mas em nenhum momento perdi de vista o fato de que o que me definia mesmo na vida era o trabalho de escritor. O desejo de escrever foi uma viagem sem volta.

O Filho Eterno foi um livro que se destacou no cenário nacional e internacional e até se tornou peça de teatro. Como foi produzir esse livro e receber esse retorno? Você esperava tanta repercussão?

O tema deste livro só me aconteceu muito tardiamente, a partir de 2004: escrever sobre a relação entre um pai e um filho especial, baseando-me na minha própria experiência. Eu achava isso impossível. Quando terminei o livro, estava muito inseguro – eu sentia que era um texto muito diferente de tudo que eu havia feito e temia a reação dos leitores e da crítica. A repercussão positiva foi absolutamente inesperada. Jamais imaginei que eu fosse ganhar todos esses prêmios e que esse romance fosse abrir a porta das edições internacionais, uma barreira quase intransponível para o escritor brasileiro.

Você já afirmou em outras entrevistas que O Filho Eterno não é uma autobiografia. A questão é frequentemente levantada já que seu primeiro filho tem Síndrome de



Cristóvão Tezza:
"O sucesso do livro realmente mudou minha vida. Permitiu que eu passasse a viver integralmente da literatura."

Down. Como a ficção e a realidade se entrelaçam na obra?

É um tema interessante, a fronteira entre a ficção e a biografia. O que faz a ficção não são os "fatos", simplesmente; é o modo de tratá-los e a postura do narrador diante deles. Numa biografia, ou autobiografia, há um "pacto de verdade" entre o narrador e o leitor, um compromisso intransigente com a realidade factual.

Na ficção, é a lógica interna do romance que comanda; os fatos dizem respeito à estrutura do livro, à coerência dos personagens – se são fatos "reais" ou se são inventados não tem a mínima importância. O pai de *O Filho Eterno* é um personagem: assim que o livro começou a avançar, eu me afastei completamente dele. Numa biografia, isso seria impossível.

Como a paternidade – não apenas o "seu nascimento como pai", mas todas as suas experiências ao longo dos anos – mudou a sua vida, como indivíduo, e também influenciou a sua carreira literária?

Ter um filho muda a vida "real" de todo

mundo, mas não afeta necessariamente a nossa literatura. Relendo *Trapo*, por exemplo, que escrevi logo depois do nascimento do meu primeiro filho, não consigo ver nada especialmente diferente pelo fato de ser pai. O livro amadurecia as inquietações existenciais e intelectuais que sempre me marcaram e que vinham desde a minha formação de escritor. Eu sempre separei bem as águas; sempre soube que "vida pessoal" e "literatura" são entidades bem distintas. É claro que, sutilmente, vamos mudando ao longo do tempo, pela experiência concreta do dia a dia, e isso transforma nosso texto. Mas não é uma influência facilmente localizável.

Agora, do ponto de vista prático, o sucesso do livro realmente mudou minha vida de modo substancial. Permitiu, por exemplo, que eu me demitisse da universidade e passasse a viver integralmente em torno da literatura, o que é um imenso prazer para mim.

Em sua opinião, como um indivíduo "se torna" pai? É algo que é aprendido?

É uma pergunta difícil. Todas as teorias



PARA LER

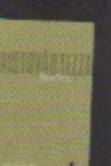
> **O Filho Eterno** (2007 – Editora Record) – R\$ 39,90



> **Um erro emocional** (2010 – Editora Record) – R\$ 34,90



> **Beatriz** (2011 – Editora Record) – R\$ 34,90



ficam pequenas, ou simplesmente vazias, depois que o fato acontece: uma criança invade sua vida. Muda radicalmente tudo. Um filho nos transforma, obrigatoriamente. Vai somando tudo, parece: o que aprendemos antes, o temperamento dos envolvidos, a relação pai-mãe, as circunstâncias profissionais, o envolvimento da família – tudo vai nos modificando.

O Espírito da Prosa, seu novo livro, fala sobre sua vida literária. O que o leitor pode encontrar na obra?

É um livro sobre a minha formação de escritor. A primeira ideia era escrever sobre a linguagem do romance, sobre a prosa literária. Mas, ao começar, senti que tinha de retomar minha experiência pessoal, a partir da qual o conceito de literatura foi ganhando corpo na minha vida. Assim, acabei escrevendo – agora sim – uma “autobiografia literária”. Foi uma viagem na minha história, na passagem da adolescência para a vida adulta, nos sistemas de valores que vivenciei, no clima e no ideário dos anos 60 e 70. En-

fim, tentei rever criticamente tudo que de alguma forma me transformou no escritor que hoje sou.

Romance, crônica, conto. Você já trabalhou com diferentes gêneros textuais. Como você se relaciona com eles? Tem preferência por algum?

Sou fundamentalmente um romancista. Isto é, a partir de uma ideia ou uma imagem inicial, passo um ou dois anos escrevendo uma narrativa longa que vai se desdobrando, tocando em temas e questões que me interessam de perto e cujas respostas eu não tenho ainda. O romance é como uma hipótese, uma vida alternativa olhada de fora, através da qual eu posso entender melhor os eventos concretos da minha própria vida. Isso é válido para o leitor também.

O conto, para mim, conserva a mesma linguagem do romance, a mesma perspectiva, mas tem uma exigência estrutural bastante diferente. Só consigo escrever contos por “inspiração”, por assim dizer: ideias completas que me ocorrem súbitas. Jamais conseguiria escrever um conto sem saber o que vai acontecer na segunda página. Ele deve me surgir inteiro, ou não acontece. O romance nunca surge inteiro. A crônica, para mim, é o gênero mais difícil, principalmente porque sou um cronista tardio. Só comecei a escrever crônicas depois dos 50 anos, e isso faz uma grande diferença. A dificuldade está na presença quase física do leitor do jornal; e a crônica não é literatura (embora possa flertar eventualmente com ela) – é um texto que exige quase sempre um contato imediato, direto, com a realidade. E há outras limitações: a delimitação do espaço (no meu caso, em torno de 2800 toques), a exigência prática da unidade, o sentido da linguagem pública (a crônica é uma conversa coletiva em voz alta). Você não pode escrever “qualquer coisa” numa crônica – há limites sociais bastante precisos. E nada disso existe na literatura, cuja liberdade é absoluta.

Nesses anos de carreira, você eventualmente olha para trás para fazer um “balanço” de sua carreira literária?

É uma boa pergunta. No início de *O Espírito da Prosa* relembro a terrível pergunta que fizera ao poeta russo Joseph Brótsky: “Quem disse que você é poeta?” A literatura é um território em que avançamos por conta própria e nunca temos exatamente a medida do nosso texto.

Você já está produzindo ou planejando alguma outra obra? Pode nos adiantar algo sobre isso?

No momento estou preparando a reedição, pela editora Record, de dois romances: *Breve Espaço entre Cor e Sombra* (Prêmio Biblioteca Nacional, melhor romance de 1998) e *Uma Noite em Curitiba*, de 1995, ambos esgotados. Este último não será alterado em nada – foi um livro que nasceu pronto, por assim dizer. Mas estou fazendo uma revisão bastante substancial do primeiro, que vai se chamar agora apenas *Breve Espaço*. E está sendo interessante revisar meu próprio livro, 15 anos depois. Um romance escrito num momento em que eu estava me transformando bastante como escritor. Daí a sensação que tive, ao relê-lo, de que eu havia entregue à editora antes que ele estivesse completo. Hoje estou completando-o, mas cuidando, como um arqueólogo, para não desfigurar o livro, porque o autor que o escreveu não existe mais.

Além disso, sairá no final do ano uma coletânea de minhas crônicas – *Um Operário em Férias* – organizada pelo jornalista e tradutor Christian Schwartz. E pretendo começar um novo romance no segundo semestre. Mas preciso organizar melhor o meu tempo, viajando menos. Já há quase dois anos tenho sido em tempo integral um “caixeiro-lítero-viajante”, com palestras e participação em eventos quase que toda semana. Preciso parar um pouco. ●